**Resumo**:

A inteligência artificial (IA) tem o potencial de remodelar a economia global, especialmente no âmbito dos mercados de trabalho. As economias avançadas experimentarão os benefícios e as armadilhas da IA ​​mais cedo do que as economias de mercado emergentes e em desenvolvimento, em grande parte porque sua estrutura de emprego é focada em funções cognitivas intensivas.

Existem alguns padrões consistentes em relação à exposição à IA: mulheres e indivíduos com ensino superior estão mais expostos, mas também mais bem posicionados para colher os benefícios da IA, e os trabalhadores mais velhos são potencialmente menos capazes de se adaptar à nova tecnologia.

A desigualdade de renda do trabalho pode aumentar se a complementaridade entre IA e trabalhadores de alta renda for forte, e os retornos de capital aumentarão a desigualdade de riqueza. No entanto, se os ganhos de produtividade forem suficientemente grandes, os níveis de renda podem aumentar para a maioria dos trabalhadores.

Neste cenário em evolução, as economias avançadas e as economias de mercado emergentes mais desenvolvidas precisam se concentrar na atualização de estruturas regulatórias e no suporte à realocação de mão de obra, ao mesmo tempo em que protegem aqueles afetados negativamente.

As economias de mercado emergentes e em desenvolvimento devem priorizar o desenvolvimento de infraestrutura digital e habilidades digitais. A inteligência artificial (IA) está pronta para mudar profundamente a economia global, com alguns comentaristas a vendo como semelhante a uma nova revolução industrial. Suas consequências para economias e sociedades continuam difíceis de prever. Isso é especialmente evidente no contexto dos mercados de trabalho, onde a IA promete aumentar a produtividade enquanto ameaça substituir humanos em alguns empregos e complementá-los em outros.

Quase 40% do emprego global está exposto à IA, com economias avançadas em maior risco, mas também mais bem posicionadas para explorar os benefícios da IA ​​do que economias de mercados emergentes e em desenvolvimento. Em economias avançadas, cerca de 60% dos empregos estão expostos à IA, devido à prevalência de empregos orientados a tarefas cognitivas. Uma nova medida de complementaridade potencial da IA ​​sugere que, destes, cerca de metade pode ser afetada negativamente pela IA, enquanto o restante pode se beneficiar da produtividade aprimorada por meio da integração da IA.

A exposição geral é de 40% em economias de mercados emergentes e 26% em países de baixa renda. Embora muitas economias de mercados emergentes e em desenvolvimento possam experimentar menos interrupções imediatas relacionadas à IA, elas também estão menos prontas para aproveitar as vantagens da IA. Isso pode exacerbar a exclusão digital e a disparidade de renda entre países.

A IA afetará a desigualdade de renda e riqueza. Ao contrário das ondas anteriores de automação, que tiveram o efeito mais forte em trabalhadores de qualificação média, os riscos de deslocamento da IA ​​se estendem aos assalariados com salários mais altos.

No entanto, a complementaridade potencial da IA ​​é positivamente correlacionada com a renda. Portanto, o efeito sobre a desigualdade de renda do trabalho depende em grande parte da extensão em que a IA desloca ou complementa trabalhadores de alta renda. Simulações de modelos sugerem que, com alta complementaridade, os assalariados com salários mais altos podem esperar um aumento mais do que proporcional em sua renda do trabalho, levando a um aumento na desigualdade de renda do trabalho. Isso amplificaria o aumento na renda e desigualdade de riqueza que resulta de retornos de capital aprimorados que são acumulados para os assalariados altos. As escolhas dos países em relação à definição de direitos de propriedade da IA, bem como políticas fiscais redistributivas e outras, acabarão por moldar seu impacto na distribuição de renda e riqueza.

Os ganhos em produtividade, se fortes, podem resultar em maior crescimento e maiores rendas para a maioria dos trabalhadores.

Devido ao aprofundamento do capital e ao aumento da produtividade, espera-se que a adoção da IA ​​aumente a renda total. Se a IA complementar fortemente o trabalho humano em certas ocupações e os ganhos de produtividade forem suficientemente grandes, maior crescimento e demanda por trabalho podem mais do que compensar a substituição parcial de tarefas de trabalho por IA, e as rendas podem aumentar ao longo da maior parte da distribuição de renda.

Trabalhadores com ensino superior estão mais bem preparados para mudar de empregos com risco de deslocamento para empregos de alta complementaridade; trabalhadores mais velhos podem ser mais vulneráveis ​​à transformação impulsionada pela IA. No Reino Unido e no Brasil, por exemplo, indivíduos com ensino superior historicamente mudaram mais facilmente de empregos agora avaliados como de alto potencial de deslocamento para aqueles com alta complementaridade. Em contraste, trabalhadores sem educação pós-secundária mostram mobilidade reduzida. Trabalhadores mais jovens que são adaptáveis ​​e familiarizados com novas tecnologias também podem ser mais capazes de aproveitar as novas oportunidades. Em contraste, trabalhadores mais velhos podem ter dificuldades com reemprego, adaptação à tecnologia, mobilidade e treinamento para novas habilidades de trabalho.

Para aproveitar totalmente o potencial da IA, as prioridades dependem dos níveis de desenvolvimento dos países. Um novo índice de preparação para IA mostra que economias de mercado emergentes avançadas e mais desenvolvidas devem investir em inovação e integração de IA, ao mesmo tempo em que promovem estruturas regulatórias adequadas para otimizar os benefícios do aumento do uso de IA. Para economias de mercado emergentes e em desenvolvimento menos preparadas, o desenvolvimento de infraestrutura fundamental e a construção de uma força de trabalho digitalmente qualificada são primordiais. Para todas as economias, redes de segurança social e retreinamento para trabalhadores suscetíveis à IA são cruciais para garantir a inclusão.